

***No paiz das Amazonas* (Silvino Santos, 1922)**

Percurso de um marco do filme natural brasileiro até o mercado doméstico

Sávio Luis Stoco*

Resumo: Este artigo busca traçar as relações do período referencial para a preservação do cinema de Silvino Santos, situado na década de 1980, com o presente, momento em que em 2014 ocorre o lançamento em DVD de *No paiz das Amazonas*, com trilha sonora original contemporânea, acompanhado de um CD com a mesma trilha. Assim também como, na segunda parte, serão expostas as principais questões do processo contemporâneo de revisão da cópia do filme, parte do projeto do qual participei enquanto pesquisador

Palavras chave: cinema silencioso; cinema brasileiro; cinema documentário; Silvino Santos; preservação audiovisual

***No paiz das Amazonas* (Silvino Santos, 1922). Recorrido de un hito del “film natural” brasileño hasta el mercado doméstico**

Resumen: Este artículo describe la década de 1980 como periodo clave en relación a la preservación del cine de Silvino Santos y, a continuación el proceso de trabajo que lleva, en 2014, al lanzamiento en DVD de *No paiz das Amazonas* (1922), con banda sonora original contemporánea, acompañado de un CD con la misma banda. Así como, en la segunda parte, se exponen las principales cuestiones del proceso contemporáneo de revisión de la copia de la película, parte del proyecto del cual participé como investigador.

Palabras clave: cine silente; cine brasileño; cine documental; Silvino Santos; preservación audiovisual

***No paiz das Amazonas* (Silvino Santos, 1922). The journey of a Brazilian “natural film” landmark to the domestic market**

Abstract: This article describes the 1980's as a key period for the preservation of Silvino Santos' cinema, and the work process that leads, in 2014, to the DVD release of *No paiz das Amazonas* (1922) with an original, contemporary soundtrack (also recorded on an included CD). The second section of the article deals with the most important issues concerning the contemporary process of revision of the film copy, part of a project to which I participated as a researcher.

Keywords: silent cinema; Brazilian cinema; documentary film; Silvino Santos; audiovisual preservation

O certo é que Silvino permanece ainda inacessível, apesar de praticamente salvo de um naufrágio total. Mas ainda é problemático assistir a um documentário seu em Manaus, porque aqui não temos mecanismos de conservação de filmes, um privilégio de poucas capitais brasileiras (leia-se Rio e S. Paulo). Esse material portanto, é todo levado para fora.

Narciso Lobo

A epígrafe acima, escrita em 1987¹ pelo professor de Comunicação Social da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) Narciso Júlio Freire Lobo nos deixa ver o sentimento de perda pelos filmes do cineasta Silvino Santos (1886-1970) por vê-los deteriorarem-se ano a ano. Identificamos também o lamento pelo distanciamento efetivo de parte remanescente desses filmes que tiveram que ser afastados de Manaus para conservação.² Trata-se da voz da elite intelectual amazonense³ – da qual são figuras centrais também a professora de Antropologia da

¹ LOBO, Narciso. “A figura emblemática”, *Amazonas em Tempo*. 6 de setembro de 1987, p. 6.

² A esse respeito, um ano antes o mesmo autor informa sobre a proposta de criação de um acervo filmico, sem que este fosse concretizado. “[Cosme Alves Netto] esteve entre nós, no final do mês passado, com uma séria missão a cumprir: em nome da Embrafilme, veio tentar interessar os poderes públicos ou os homens e mulheres sensíveis de nossa terra, para a possibilidade de organização, em Manaus, de uma filmoteca, ou cinemateca, capaz de armazenar cópias de todo o material produzido sobre a Região Amazônica. Neste momento, a Embrafilme está se dispondo a ceder cópias de seu material acerca da Amazônia para um organismo que aqui seja criado, para que a memória da região não se perca, e continuei (sic) ficando disponível, apenas, para quem pode chegar ao Rio para assistir a alguma fita que diga respeito à Amazônia do princípio do século. Hoje, para realizar um trabalho de pesquisa sobre a produção cinematográfica de um Silvino Santos, que viveu e morreu no Amazonas, o pesquisador terá que ir ao Rio ou S. Paulo. A mesma coisa aconteceu (e acontece comigo) se o interesse girar em torno, por exemplo, de um filme patrocinado e encomendado pelo Governo do Amazonas, como é o caso do documentário “Amazonas, Amazonas”, de Glauber Rocha, realizado em fins de 1965. Cosme, na sua rápida passagem por Manaus, deixou plantadas algumas sementes. Resta que os organismos de cultura, os intelectuais, a própria Universidade do Amazonas, se manifestem rapidamente sobre a questão, antes que seja tarde demais, que mude a política cultural do País, enfim, antes que nada mais possa ser feito. Um dos grandes problemas, quando se discute sobre o cinema no Amazonas, é que nunca temos fitas disponíveis para serem mostradas às novas gerações. Enquanto isso, instaura-se a colonização visual, a falsa visão de que o cinema nem passou por aqui. (...)”. LOBO, Narciso. “Ter memória é não ser otário”, *Jornal do Comércio (AM)*, 26 de janeiro de 1986, p. 2.

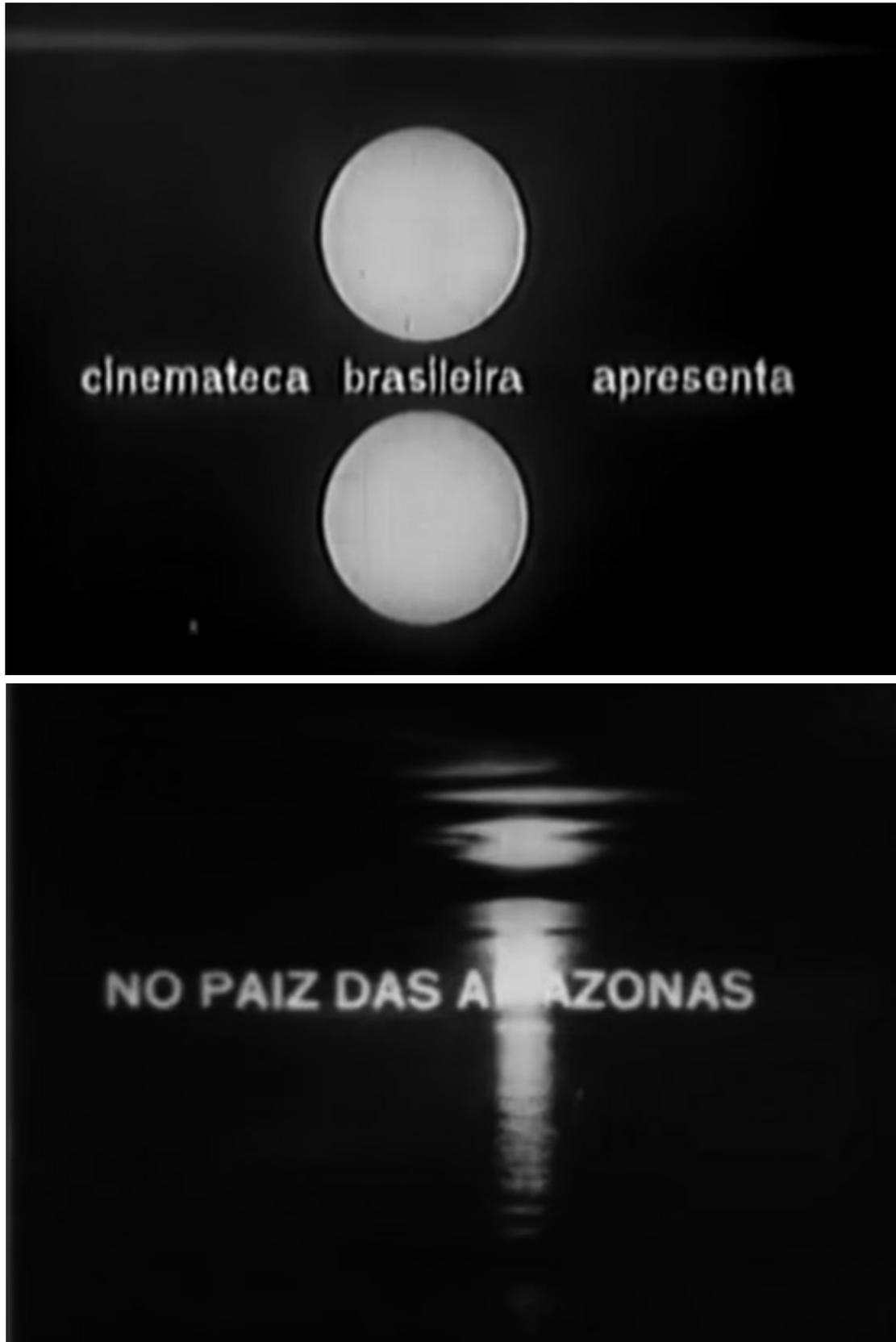
³ Outros intelectuais se posicionaram publicamente a respeito da preservação dos filmes de Silvino Santos. O professor de Sociologia da Ufam Renan Freitas Pinto escreveu: “É importante recuperar

Ufam Selda Vale da Costa; o diretor da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM), o amazonense Cosme Alves Netto (Cosme Alves Ferreira Neto); e o escritor Márcio Souza. Figuras essas que se engajaram por compreender e salvaguardar a produção de Silvino Santos, alcançando resultados significativos.

O lamento da epígrafe é expresso mesmo que o “naufrágio total” não tenha se dado. No ano anterior dois desses atores, Cosme e Selda, empenharam-se diretamente em contribuir para a primeira significativa iniciativa de restauro/difusão em torno da produção do cineasta, “descoberto” e projetado nacionalmente em 1969 a partir de Manaus. Uma iniciativa que culminou em 1986 justamente tendo por peça central *No paiz das Amazonas* (1922), o filme que nos anos 1920 alcança a maior repercussão e que foi escolhido para ser revisado e difundido na segunda década dos anos 2000.

Este artigo buscará traçar as relações deste período referencial para a preservação do cinema de Silvino Santos, situado na década de 1980, com o momento presente, quando em 2014 ocorre o lançamento em DVD de *No paiz das Amazonas*, com trilha sonora original contemporânea, acompanhado de um CD com a mesma trilha. Assim também como, mais à frente, serão expostas as principais questões do processo contemporâneo de revisão da cópia do filme, parte do projeto do qual participei enquanto pesquisador.

Silvino Santos não apenas numa atitude de nostalgia. É necessário recompor o que sobrou de sua obra e tentar daí extrair sua concepção de cinema, de produção artística regional, num sentido mais amplo. As suas ideias sobre o documentarismo, sobre o registro do cotidiano, permanecem atuais e nos desafiam a pensar que formas de registro, de documento e de expressão são possíveis e desejáveis hoje”. PINTO, Renan. “Manaus em tempo de cinema”, *Jornal do Comércio* (AM), 9 de agosto de 1987 [republicado como prefácio de LOBO, Narciso. *A tônica da descontinuidade: cinema e política em Manaus nos anos 60*. Manaus: EDUA, 1994, pp. 1-5.]. E ainda o escritor Márcio Souza diz em entrevista: “A localização e a recuperação dos títulos que sobreviveram à deteriorização e ao abandono, e que se encontram dispersos em mãos de familiares e diversas Cinematecas (no Brasil, em Portugal e na Inglaterra), são medidas inadiáveis para assegurar a sobrevivência de um acervo que se insere entre os mais valiosos documentos da história do País, extrapolando, portanto, os limites do interesse regional”. “Obra de pioneiro do cinema na Amazônia será restaurada”, *Jornal da Tela*, n. 21, janeiro/fevereiro de 1986.



Cartela da Cinemateca Brasileira, incluída na versão analógica de *No Paiz das Amazonas*, versão restaurada em 1986, e letreiro inicial do filme. Fonte: Fotogramas.

Primeira circulação nacional

Em um estudo recente reunimos parte da larga fortuna crítica em torno do lançamento de *No paiz das Amazonas*, o que consideramos ter ocorrido de 1922 a 1926. Contabilizamos 76 textos publicados na imprensa brasileira – 37 apenas no Rio de Janeiro, então capital federal. Essas sessões iniciaram-se na cidade onde se produziu o filme, Manaus, e em seguida ocorreram na vizinha Belém. Mas foi a partir da grande repercussão obtida na capital brasileira que abriram-se as portas das salas dos cinemas das outras localidades. Promoveram-se várias sessões especiais por uma ação direta dos produtores do filme, mais especificamente de Agesilau Araújo, segundo sócio da firma J. G. Araújo, e contando com a presença de Silvino. Dentre essas projeções, o filme foi exibido em 1923 por duas vezes no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, tendo entre os espectadores o presidente Arthur Bernardes e seus ministros, segundo se noticiou diversas vezes. Nesta mesma cidade e ano, o filme também foi projetado na Exposição do Centenário da Independência no Pavilhão dos Estados Unidos e consta que também no Pavilhão Argentino.⁴ No certame cinematográfico desse evento, concurso esse dirigido a filmes naturais brasileiros representativos dos estados, *No paiz* foi agraciado com a principal premiação.⁵ Estes dois locais distintivos são fartamente reproduzidos nos anúncios e textos. A partir de então, as estreias seguiram-se em São Paulo, Curitiba, Recife, Maceió, São Luis e Porto Velho.⁶

⁴ *A Imprensa*, Manaus, 3 de setembro de 1923.

⁵ Cf. MORETTIN, Eduardo. “Tradição e modernidade nos documentários de Silvino Santos”. In: Paiva, Samuel e Sheila Schvarzman (orgs.). *Viagem ao cinema silencioso do Brasil*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011, pp. 152-173.

⁶ Isso fora as reprises que algumas capitais vivenciaram. Sobre a circulação de estreia e a fortuna crítica na imprensa brasileira referente a *No paiz das Amazonas*, ver o artigo de minha autoria que sairá em breve, publicado nos anais do Encontro da Associação Nacional de História (ANPUH) 2017, o XXIX Simpósio Nacional de História. Para um estudo anterior sobre parte dessa fortuna crítica, cf. COSTA, Selda Vale da. *Eldorado das ilusões: cinema & sociedade: Manaus (1897-1935)*. Manaus: Edua. 1996, pp. 197-214. Outro dado a acrescentar sobre as capitais é que há indícios de que a estreia teria ocorrido também em Porto Alegre e Salvador. Por ora não tivemos oportunidade de averiguar esse fato a contento. Em seu caderno de memórias, Silvino Santos menciona que no trajeto fluvial Belém-Rio de Janeiro, entre dezembro de 1922 e 1923, “eu fiquei na Bahia 8 dias aonde passei o filme, que fez

Outro acontecimento de relevo, decorrente da ruidosa estreia no Rio de Janeiro, ocorreu em 1923. O jornalista e crítico cinematográfico carioca Mário Behring tomou *No paiz das Amazonas* como central para a formulação da sua conhecida tese em defesa da consolidação da cinematografia brasileira por meio dos filmes naturais “bem feitos”.⁷ Ideia essa que mais tarde ele iria fundamentar com mais propriedade na revista *Cinearte*, fundada por ele e Adhemar Gonzaga em 1926. Em três de seus textos, ainda na coluna *Cinema Paratodos*, da revista *Para Todos*, mencionou o filme de Silvino Santos como exemplo a ser seguido. Não apenas este crítico, mas também outros autores no conjunto da fortuna crítica do filme identificaram qualidades cinematográficas da obra, atentando para seu aspecto “bem cortado”, suas dinâmicas e detalhamentos, dentre outras características.

No estado do Amazonas, o filme foi tomado como discurso oficial, por muito bem emular uma tradição visual e discursiva (para além do visual) sobre a região.⁸ Desta forma foi escalado a representar o estado em diversas ocasiões como na Exposição de Bruxelas (1924), na Feira Mundial de Nova York (1939), na Exposição do Centenário Farroupilha (Porto Alegre, 1935), na Feira Internacional de Amostras (Rio de Janeiro, 1933). E ainda foi projetado em Manaus durante a visita do futuro presidente Washington Luiz, entre diversas outras personalidades e autoridades.

“Ressuscitação”

Identificamos uma circulação expressiva de *No paiz das Amazonas* até por volta de meados da década de 1930. Após essa década, o interesse pelo filme parece arrefecer-se tanto nos outros estados como no Amazonas. Um novo alento só será visto com a

grande sucesso“. SANTOS, Silvino. *Romance da minha vida*. Manuscrito (Museu Amazônico, Manaus), 1969.

⁷ OPERADOR (pseudônimo de Mário Behring). “Cinema Paratodos”, *Para Todos*, Rio de Janeiro, ano V, n. 252, 13 outubro de 1923, p. 26.

⁸ Assunto de minha tese em andamento, esse aspecto foi em parte discutido no artigo “Vulgarizações: narrativas comparadas do filme *No paiz das Amazonas* e do livro *Le pays des Amazones*”, publicado nos *Anais da V Jornada Discente do Programa Meios e Processos Audiovisuais da ECA-USP* (2016, no prelo).

“casual ressuscitação”⁹ de Silvino e sua obra no final da década de 1960. Ele é homenageado em vida no encerramento do *I Festival Norte do Cinema Brasileiro*, ocorrido no dia 26 de outubro de 1969 em Manaus.¹⁰ Seus filmes não foram vistos na ocasião, talvez pelas condições de preservação em que se encontravam. Mas a presença de jornalistas e críticos de algumas capitais no festival projetou nacionalmente a notícia sobre a homenagem.¹¹ No campo do cinema brasileiro vivia-se um período de pesquisas preliminares, inclusive com a produção de filmes sobre a história do cinema e sobre alguns cineastas pioneiros.¹²

A partir da homenagem, entre os cineclubistas, curta-metragistas e intelectuais amazonenses inicia-se um crescente interesse pela obra de Silvino Santos. As primeiras abordagens surgem interseccionando criação cinematográfica, pesquisa e “recuperação” de filmes, de certo modo.¹³ A dupla Roberto Kahané e Domingos Demasi, a frente da produtora Batoque Cinematográfica, produzem com utilização de trechos de vários filmes de Silvino os curtas-metragens *O fim de um pioneiro* (1970), com narração do significativo texto de autoria do crítico e historiador carioca Alex Viany; *1922 A exposição da independência* (1970); e *Fragmentos de terra encantada* (1970).

⁹ O termo é utilizado por Narciso Lobo: “Foi no Amazonas que viveu, durante a maior parte de sua vida, um pioneiro do cinema brasileiro, Silvino Santos. Por um triz, Silvino deixou de morrer no completo esquecimento, graças ao 1º (e único) festival Norte de Cinema Brasileiro, realizado em outubro de 1969, em Manaus, que *casualmente o ressuscitou* (grifo nosso), pouco menos de um ano antes de sua morte”. LOBO, “Ter memória é não ser otário”, *op. cit.*, p. 2.

¹⁰ Sobre o contexto cineclubístico e de produção de crítica cinematográfica no qual os jovens se interessaram pelo cineasta, cf. LOBO, *A tônica da descontinuidade*, *op. cit.*.

¹¹ Essa consideração foi proferida por LOBO, Narciso. “A figura emblemática”, *Amazonas em Tempo*, 6 de setembro de 1987, p. 6. E talvez a publicação de maior abrangência nacional tenha sido na revista *O Cruzeiro*. RANGEL, Carlos. “Um Herói à Antiga”, *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n. 50, 1969.

¹² A esse respeito, cf. MELO, Luís Rocha. “Historiografia audiovisual: a história do cinema escrita pelos filmes”, *ARS* (São Paulo), vol. 14, pp. 221-245, 2016. O autor menciona a produção do curta-metragem *Mauro, Humberto* (1966), de David E. Neves, e do longa-metragem *Panorama do cinema brasileiro* (1968), de Jurandyr Noronha, sobre a produção nacional abrangendo filmes de 1898 a 1966.

¹³ Utilizo o termo “recuperação” cinematográfica dos projetos de produção fílmica da Batoque Cinematográfica porque, além de ser mencionado pelas próprias sinopses da época desses projetos, até onde se sabe, os dois últimos curtas-metragens citados no texto acima são os únicos filmes em que é possível vermos imagens do longa-metragem *Terra encantada* (1923), de Silvino Santos, sobre o Rio de Janeiro.

Alguns anos mais tarde, Márcio Souza inicia sua reflexão sobre o cineasta, o qual chegou a conhecer pessoalmente em 1969, com um capítulo do seu ensaio *A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo* (1978, 2003, 2010). Um pouco mais tarde, o mesmo autor desenvolve mais suas considerações em um livro inteiramente dedicado ao cineasta, *Silvino Santos: o cineasta do ciclo da borracha* (1996, 2007).¹⁴

Mas um *tour de force* voltado para a pesquisa/conservação ficará a cargo da parceria que se estabelece entre Cosme Alves Netto e Selda Vale na década de 1980. Ao nos debruçarmos sobre a documentação pessoal dessa autora,¹⁵ percebemos que o centenário de nascimento do cineasta motivou a concretização de uma série de importantes iniciativas: uma exposição, o primeiro livro sobre Silvino (*No rastro de Silvino Santos*) e o restauro de *No paiz*.¹⁶

É importante notarmos que quem irá auxiliá-la, Cosme Alves Netto, a essa altura já havia se tornado uma figura de grande relevo, de projeção internacional, no campo do cinema brasileiro e latino-americano. Inicialmente ele havia participado de movimentos cineclubísticos no Rio de Janeiro e Manaus, até ocupar uma importante posição. Estava naquele momento à frente da direção da Cinemateca do MAM havia muitos anos – interinamente desde 1965, efetivando-se no cargo em 1967. A partir da década de 1970 ele irá direcionar-se ao trabalho de preservação, buscando a repatriação e salvaguarda da produção brasileira, após ter estabelecido nos anos anteriores uma sólida rede de contatos com diversos organismos e instituições internacionais durante o trabalho que também efetivava de difusão do cinema

¹⁴ Selda Vale ainda comenta duas iniciativas, na década de 1970, que antecederam suas pesquisas: a criação do *Cineclube Silvino Santos*, pelo crítico de cinema José Gaspar, e a exposição de fotografias e equipamentos fotográficos, intitulada *Silvino Santos: pioneiro do cinema no Amazonas*, organizada por Flávio Bittencourt em 1981, na Galeria de Arte Afrânio de Castro, também em Manaus. Cf. COSTA, Selda e Narciso Lobo. *No rastro de Silvino Santos*. Manaus, SCA: Edições Governo do Estado, 1987. pp. 13-14.

¹⁵ A quem agradeço pelo acesso franqueado.

¹⁶ Refiro-me à *Exposição fotográfica e iconográfica Silvino Santos: memória visual da Amazônia 1886-1986*, com produção e pesquisa de Selda Vale, realizada na Galeria de Arte do Espaço Cultural, em Manaus, com abertura em 5 de novembro de 1987; e ao livro *No rastro de Silvino Santos* de autoria de Selda Vale e Narciso Lobo. Uma exposição já havia sido organizada em 1981, por Flávio Bittencourt, cf. nota 14.

brasileiro e latino-americano. Ele apresenta, em entrevista captada em 1986, a maneira como adentrou no campo da preservação relacionando, de certa maneira, à experiência que vivenciou no evento amazonense em que despontou Silvino Santos:

Nesse meio tempo eu já dirigia a Cinemateca e voltei [do I Festival Norte do Cinema Brasileiro] para a Cinemateca preocupado em relação ao problema da memória cinematográfica, não só em Manaus, mas evidentemente, em todo o Brasil. E foi o período em que São Paulo também começou a se preocupar muito com o problema da memória. O Paulo Emílio tinha uma preocupação com relação a isso a e gente começou a avançar na pesquisa da nossa memória cinematográfica. De repente, a gente parou de se preocupar com os filmes primitivos estrangeiros e a se preocupar com os filmes primitivos brasileiros. Foi uma mudança, uma mudança assim de 90 graus no rumo da nossa preocupação. Paulo Emílio sempre tinha aquela frase famosa: “o pior filme brasileiro tem mais a ver com a nossa cultura que o melhor filme estrangeiro”. (...) Evidentemente que de lá para cá, começo de 70, uns 15 anos atrás, durante todo esse período, houve um crescimento da preocupação da pesquisa histórica do cinema, em especial do Amazonas, foi aí que apareceu a Selda...¹⁷

Ele promove esse trabalho no âmbito do projeto *Filho pródigo*, “tentativa de resgate de registros fílmicos brasileiros dispersos por cinematecas estrangeiras”.¹⁸ Segundo Cosme, o projeto é iniciado por volta de 1981.¹⁹

¹⁷ COSTA e Lobo, *op. cit.*.

¹⁸ Cf. HEFNER, Hernani. “Alves Netto, Cosme” [verbete]. In: Ramos, Fernão e Luis Felipe Miranda. (orgs.). *Enciclopédia do Cinema Brasileiro*. São Paulo: Editora do SENAC, Edições SESC SP, 2012. Outra visão sobre a iniciativa está na tese de Carlos Roberto de Souza: “Cosme Alves Netto tentava desenvolver na Cinemateca do MAM do Rio de Janeiro um projeto que batizou de “Filho Pródigo”, com o objetivo de repatriar filmes brasileiros localizados em outros países. O projeto, contudo, nunca teve recursos suficientes para executar uma ação ampla e continuada”. SOUZA, Carlos Roberto de. *A Cinemateca Brasileira e a preservação de filmes no Brasil*. Tese (doutorado). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. p. 166.

¹⁹ O criador do projeto *Filho Pródigo*, Cosme Alves Netto, assim o descreveu em uma entrevista de 1986: “(...) o projeto estabelecido pela Cinemateca [do MAM, RJ], há mais ou menos cinco anos atrás, o “Projeto Filho Pródigo”, pretendia fazer retornar ao Brasil o que foi filmado aqui no Brasil na década de 10 e 20 e que foi para o exterior, ou filmes feitos por brasileiros que estavam no exterior. Inclusive, uma das primeiras descobertas entra exatamente dentro do material localizado do Silvino Santos, que é o filme “No rastro do Eldorado”, que se constitui basicamente no registro da Expedição Rice, que em 1924 percorreu o interior do Amazonas, levando o Silvino como seu cinegrafista. Esse filme, que desapareceu do Brasil, foi recentemente localizado pela Selda na Inglaterra, na Cinemateca

Dessa forma, o cenário era promissor para pessoas e trabalhos que se propusessem em torno de temas caros a Cosme: Silvino Santos/Amazônia/primeiro cinema. Não apenas pela coincidência regional, mas também por conta do trabalho de preservação cinematográfica mais amplo que ele estava sensibilizado a conduzir.²⁰ Vale lembrar também – coincidência ou não – que o pai de Cosme Alves Netto, Cosme Ferreira Filho,²¹ não foi apenas a figura que alertou os jovens cineclubistas amazonenses da existência de Silvino Santos, como ficou registrado na mesma entrevista captada em 1986.²² Figura proeminente na sociedade amazonense, escritor, Cosme Filho foi também autor dos intertítulos de um dos filmes (pouco recordado, aliás) produzido por Silvino Santos, *Flagrantes da indústria e do comercio no Amazonas* (c. 1930).²³

inglesa, e a sua restauração já está sendo providenciada. Então, nós temos o primeiro lote Silvino Santos.”. LOBO, Narciso. “A aventura de fazer cinema no Amazonas”. In: Costa e Lobo, *op. cit.* Interessante notar que em 1981 vemos se esboçar um projeto semelhante de restauro de filmes de Silvino Santos, mas em outro arranjo institucional. Três notas de jornais de Manaus anunciam um financiamento e Cr\$ 1.000.000,00 do governo estadual, chefiado por José Lindoso, por meio da Fundação Televisão Educativa do Amazonas e apoio da Cinemateca do MAM para preservação dos filmes de Silvino Santos. (“Filmes de Silvino vão ser todos restaurados”. In: *A Crítica*, Manaus, 17 de novembro de 1981, p. 8; “Filmes de Silvino vão ser refeitos”. In: *A Notícia*, Manaus, 17 de novembro de 1981, p. 8; “Lindoso autoriza restauração de filmes da Amazônia”. In: *Jornal do Comércio*, Manaus, 17 de novembro de 1981, p. 3). Talvez a iniciativa tenha se dado às voltas da exposição/pesquisa promovida por Flávio Bittencourt (nota 14), também de 1981. Mas pelas notícias seguintes, de 1986, esse apoio e seus planos não devem ter sido efetivados.

²⁰ No entanto, vale lembrarmos que ele dedicou esforços pretendendo granjear avanços no setor audiovisual em sua cidade de origem, Manaus. Vide a proposta de criação de um acervo fílmico de temática amazônica que se localizaria em Manaus (nota 2).

²¹ Empresário, político e escritor, Cosme Ferreira Filho faleceu em 1976. Foi deputado estadual e federal. Autor dos livros *Amazônia em novas dimensões; Porque perdemos a batalha da borracha; Em defesa da borracha silvestre sul-americana; Notas parlamentares sobre a constituinte amazonense; Borracha problema brasileiro; Problema da Amazônia; Fronteiras do desenvolvimento; Novas bases para o problema técnico da borracha*; e do livro de poesias *Versos de outrora*. Foi casado com Francisca Canindé Ferreira e, além de Cosme Alves Netto, tinha três filhas: Maria Francisca, Maria Guiomar e Carmem Silvia de Meneses Ferreira. Também na Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas, a morte de Cosme Ferreira foi lamentada. In: *Jornal do Comércio* (AM), 05 de outubro de 1976, p. 4.

²² A cena do alerta foi narrada na entrevista LOBO, “A aventura de fazer cinema no Amazonas”, *op. cit.*

²³ Ver referência na filmografia de Silvino Santos, em COSTA, *op. cit.* “Com legenda de Cosme Ferreira Filho, registra a firma J. G. Araújo, seus armazéns e escritório, com várias vistas aéreas de Manaus. Localizado em Lisboa.” (COSTA, 1996, p. 238)

Então, em 1983, Selda inicia sua dissertação de mestrado em Antropologia, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.²⁴ E neste ano sabe da existência de uma cópia de *No paiz das Amazonas*.²⁵ Em 1984 a pesquisadora ganha um concurso de pesquisas da Embrafilme²⁶ que contribui para seu deslocamento até a Europa, onde acessa acervos pessoais e institucionais. Em Lisboa, com Teresa Araújo,²⁷ e junto à Cinemateca Portuguesa; e também em Londres, no British Film Institute – onde localiza em 1985 uma cópia sem intertítulos do filme *No rastro do Eldorado* (1924-25).

A partir daí teremos a construção de arranjos institucionais/pessoais para garantir que os filmes localizados pudessem ser copiados e repatriados, ou doados. Vemos essa articulação se dando documentadamente por meio de uma carta oficial, de Cosme, como diretor da Cinemateca do MAM, endereçada a Agesilau de Souza Araújo (neto de J. G. Araújo) em 1985.²⁸ Ele solicita a disponibilização dos filmes que se encontravam

²⁴ A partir da qual é produzido o livro COSTA, *op. cit.* A pesquisa teve como orientador Edgard de Assis Carvalho e como orientadora informal Maria Rita Galvão. Cf. GALVÃO, Maria Rita. *Memorial da formação acadêmica e das atividades docentes e de pesquisa apresentado para Concurso de Livre-Docência*. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. 1991, p. 44. Percebe-se a clara relação metodológica e temática, aproximada ao universo trabalhado pela co-orientadora.

²⁵ Cf. “Obra de pioneiro do cinema na Amazônia será restaurada”. In: *Jornal da Tela*, n. 21, janeiro/fevereiro de 1986.

²⁶ “Amazonense ganha concurso sobre o cinema no Brasil”. In: *A Notícia*, 13 de maio de 1984, p. 3. O nome do concurso mencionado nesse texto é *Cinema II*. Outro jornal menciona outro título: *Cine tema*. “Obra de pioneiro do cinema na Amazônia será restaurada”. In: *Jornal da Tela*, n. 21, janeiro/fevereiro de 1986.

²⁷ Filha de Agesilau Joaquim Gonçalves de Araújo (autor dos intertítulos de *No paiz*), neta de Joaquim Gonçalves de Araújo (J. G. Araújo) e irmã de Agesilau de Souza Araújo.

²⁸ Lemos nessa carta: “Com o avanço da pesquisa em torno do pioneiro do cinema amazonense, Silvino Santos, cuja atividade cinematográfica foi grandemente incentivada pelo comendador Agesilau de Araújo, gostaríamos de expressar nosso interesse e preocupação pelo material filmado por Silvino Santos ainda existente em Manaus. Como certamente é do conhecimento de V.S., as matrizes cinematográficas utilizadas na década de 20, época de mais intensa atividade de Silvino Santos, são quimicamente instáveis e sua manipulação e utilização deverá ser precedida de um processo de restauração só possível em laboratórios especializados existente no Rio ou em S. Paulo (ou, em alguns casos extremos, no exterior). Nos últimos anos temos procurado desenvolver o projeto de restauração da notável produção de Silvino Santos, projeto esse que se vem transformando em realidade com a inestimável colaboração da EMBRAFILME/Ministério da Cultura e da Cinemateca Portuguesa, em Lisboa. A origem portuguesa de Silvino Santos e o fato de ter ele também filmado em Portugal interessou à nossa congênera lusa, que não tem medido esforços para

em sua posse e referenda o trabalho de Selda. Vemos aí a mão do influente Cosme operando em favor de Selda. Mesma figura que em 1979 havia apoiado também as relações da pesquisadora Maria Rita Galvão (orientadora informal de Selda, diga-se de passagem; cf. nota 22), quando essa professora e pesquisadora paulista representou a Cinemateca Brasileira no XXXV Congresso da Federação internacional dos Arquivos de Filmes (FIAF), em Lousanne, Suíça.²⁹

Outros trechos de filmes de Silvino foram ainda localizados por Selda Vale, em posse do documentarista Jacques Cousteau que havia excursionado pela Amazônia. Ela resume esse e outros casos de filmes localizados em acervos de terceiros da seguinte maneira:

A venda do filme para o estrangeiro [pela seção cinematográfica da firma J. G. Araújo] se arrastou por longos anos. Equipes de cinegrafistas, americanos e alemães, e mesmo brasileiros, vieram filmar no Amazonas, utilizando-se frequentemente de partes do filme, incorporadas sem identificação a seu autor. Nos fins dos anos 70 e inícios dos 80, cópias do filme, com sua estrutura original já alterada e imagens novas incorporadas, foram doadas ou vendidas a comissões científicas de passagem pelo Amazonas, como a da *National Geographic Magazine*, em fins de 70, e a de Jaques Cousteau, em 1983, que havia levado (e devolveu por insistência desta pesquisa) partes da única cópia que restara, e que serviu posteriormente de matriz para a restauração e tiragem de novas cópias.³⁰

Enfim, com um grande volume de materiais garimpados em Manaus, Rio de Janeiro e São Paulo, assim como a copiagem e repatriação de outros trechos de filmes depositados no exterior, em Lisboa e Londres, inicia-se o restauro de *No paiz das Amazonas*. Periódicos citam para esse projeto foi um trabalho conjunto da Cinemateca Brasileira (São Paulo), na Cinemateca do MAM (Rio de Janeiro) e Cinemateca Portuguesa, instituição essa coordenada na época por Luís de Pina. Ao todo a iniciativa foi orçada em aproximadamente Cr\$ 500 milhões, o que esperava-

concretizar a restauração dos filmes do período português de Silvino Santos. (...)”. ALVES NETTO, Cosme. *Cinemateca* (carta), 06 de novembro de 1985.

²⁹ Cf. SOUZA, *op. cit.*, pp. 143-144.

³⁰ COSTA, *op. cit.*, p. 212.

se ser dividido com a participação de instituições de empresários amazonenses. Foi com esse objetivo que Cosme Alves Netto esteve em Manaus em janeiro de 1986, “obtendo excelente receptividade das autoridades amazonenses, que se comprometeram a enviar para a Embrafilme suas opostas de participação”.³¹ No entanto, não obtemos dados sobre uma efetiva colaboração financeira por essas autoridades.³²

³¹ O projeto envolvia uma série de outros produtos e atividades, o que pode ser visualizado na descrição a seguir: “Recuperados os filmes [de Silvino Santos], serão tiradas duas cópias de cada um. Um jogo com as cópias será doado aos herdeiros da família do produtor. O outro jogo de cópias viajará com a mostra. Serão feitas, também, cópias em vídeo-cassete, garantindo a mais fácil manipulação dos filmes e doação a instituições amazonenses, onde estes filmes funcionarão como fontes de pesquisas, ao alcance do público. Acompanhando a mostra, será preparado um catálogo sobre a vida e a obra de Silvino Santos, com cartaz, reprodução de fotografias e a montagem simultânea, de uma exposição iconográfica, a partir de vasta documentação sobre o trabalho do cineasta. A exposição também será itinerante, acompanhando o roteiro previsto para a mostra: estreia em Brasília, de 8 a 14 de outubro, durante o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro; logo depois, em datas a serem confirmadas, a mostra será exibida no Rio de Janeiro e São Paulo, nas programações da Cinemateca do Museu de Arte Moderna e na Cinemateca Brasileira; em Manaus estreará no dia 29 de novembro, dia do nascimento de Silvino Santos, seguindo para Belém, Rio Branco, Macapá, e Porto Velho, em datas a serem confirmadas pelas instituições locais. Luis de Pina, diretor da Cinemateca Portuguesa, pretende levar a mostra a Portugal, para comemorar o centenário do nascimento de Silvino Santos”. “Obra de pioneiro do cinema na Amazônia será restaurada”. In: *Jornal da Tela*, n. 21, janeiro/fevereiro de 1986. Até o momento não pudemos averiguar a efetiva participação das instituições amazonenses nem a concretização de todas essas previsões. No entanto, sabemos da projeção de *No paiz das Amazonas* na retrospectiva de cinema brasileiro, *Le cinéma brésilien*, realizada em Paris no Centro Georges Pompidou, com mais de 200 títulos escolhidos por Paulo Paranaguá e José Carlos Avellar. Essa mostra foi realizada a partir de cópias de filmes restaurados e/ou duplicados no Laboratório da Cinemateca Brasileira. Um evento que durou de 25 de março a 12 de outubro de 1987. Em paralelo, alguns filmes que estavam na programação da mostra parisiense foram também projetados em uma mostra ocorrida no Rio de Janeiro e em São Paulo. *No paiz* foi programado para o dia 31 de março de 1986, no Museu da Imagem e do Som (MIS) de São Paulo. Em Manaus realizou-se a *Mostra de vídeo comemorativa ao centenário de vida e obra de Silvino Santos*, de 09 a 17 de dezembro de 1987, na Pinacoteca/Biblioteca Pública do Amazonas, tendo *No paiz das Amazonas* na programação, assim como outros filmes recentes. “Mostra de Silvino começa na Pinacoteca”. In: *A Notícia*, 9 de dezembro de 1987.

³² Vide nota 2, na qual Narciso Lobo, um ano seguinte, em 1987, publica na imprensa amazonense um apelo para que as instituições se engajem, incluindo a Ufam, da qual ele era docente. LOBO, “Ter memória é não ser otário”, *op. cit.*, p. 2.

Digitalização e distribuição

Até aqui pudemos perceber o quanto a proposta contemporânea de se relançar *No paiz das Amazonas*, pela primeira vez focada no mercado doméstico em DVD, tem como lastro o trabalho de pesquisa/preservação realizado nos anos 1980. Essa nova iniciativa foi realizada e financiada pela Prefeitura de Manaus, por meio do Conselho Municipal de Cultura de Manaus (Concultura), cujo presidente da época era (e é ainda) Márcio Souza, um antigo autor que reconheceu a importância da trajetória de Silvino, como vimos. O *Projeto Silvino Santos*, como se chamou, contou com coordenação geral de Felipe Lindoso,³³ e minha colaboração na pesquisa, como havia sido dito. E inseriu-se no projeto maior do Concultura, *Memória Reencontrada*.³⁴ A Cinemateca Brasileira, atual detentora dos direitos sobre o filme, cedidos pela família Araújo, é apoiadora do projeto. A distribuição e produção da mídia ficou a cargo da empresa Versátil Home Vídeo. O DVD saiu com legendas em inglês e espanhol e extras contendo três filmes curtos.

Entre eles, está o curta-metragem *Filmogramas n. 7* (c. 1927, 9'), um misto de filme de família, registrando o próprio Silvino e crianças do clã Araújo em 1927 em uma praia da vila portuguesa de Apúlia. Nesse filme, sugere-se que Silvino estava a contar das suas peripécias de viagens ao filmar a Amazônia. Dai em diante, a montagem agrega dois trechos de *No paiz das Amazonas*: a caça aos patos na região do rio Madeira e a cena dos índios Parintintin. O segundo bônus é uma prévia do longa-metragem documental *No rastro do Eldorado* (1924-1925, 11'), filme que, em 2014, o *Projeto Silvino Santos* planejava lançar em seguida.³⁵ E o terceiro material dos extras é uma

³³ Filho do ex-governador amazonense José Lindoso (ver nota 17).

³⁴ Projeto “o qual visa restaurar e produzir obras que valorizam a memória da cultura local em vários segmentos”. In: *Diário oficial do município de Manaus*, Caderno 1, 6 de outubro de 2016, p. 19.

³⁵ A ideia não pôde ser concretizada na ocasião por contingência orçamentária. A iniciativa iria aproveitar a recente descoberta promovida por nossa dissertação de mestrado, finalizada em 2014 no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Unicamp, enfocando material [e historicamente justamente [corrigir a redação aqui; sentido incompleto da frase] *No rastro do Eldorado*]. O trabalho foi orientado pela professora Iara Lis Franco Schiavinatto e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (FAPEAM). Toda a pesquisa promovida na década de 1980, como vimos,

sequência de 11 minutos que pertenceu a uma das versões de *No paiz das Amazonas*, integrada após o lançamento em 1922. Exibe-se nessa sequência aspectos da Fábrica Brasil Hévea, empreendimento da firma J. G. Araújo em Manaus, e do Parque Vila Rosas que a cercava.



Fotografia da cena dos índios Parintintin, incluída no restauro de 1986 de *No paiz das Amazonas* e também na versão de 2015, porém reposicionada. Sequência também originalmente contida na curta-metragem *Filmogramas n°7*. Fonte: Acervo Silvino Santos, Museu Amazônico.

localizou em Londres uma versão de *No rastro do eldorado* sem intertítulos. A ausência do texto dificultava sobremaneira a compreensão da narrativa e a averiguação de prováveis lacunas, que depois vieram a se confirmar. Em 2013 pude localizar um documento com os intertítulos com os quais o filme circulou no Brasil, assim como também dispusemos de uma versão assemelhada do filme, porém com cerca de 15 minutos a mais, depositada em 1994 no acervo fílmico do Smithsonian Institution, nos Estados Unidos. Esses três materiais informam uns aos outros e ao final da pesquisa pude gerar como um dos produtos uma cópia de trabalho em que propus uma montagem interseccionando as duas versões de *No rastro*, assim como integrando cada intertítulo em seu lugar que nos pareceu mais adequado, após análise meticulosa das imagens e do texto.

A revisão fílmica foi finalizada em 2014, e uma projeção pública organizada ao ar livre no dia 22 de outubro daquele ano. Os DVDs começaram a ser distribuídos em janeiro de 2015. Segundo Márcio Souza, a tiragem foi de 3 mil exemplares, das quais 2 mil foram distribuídos gratuitamente para instituições, acervos, pesquisadores e demais pessoas interessadas. A outra parte foi comercializada pela Versátil Home Vídeo, empresa responsável pela produção da mídia, assim como do trabalho técnico de montagem. Informalmente, o filme foi postado no *YouTube*³⁶ e atualmente conta com quase 3 mil visualizações.

A trilha sonora contemporânea foi gravada em Manaus, sob direção e regência do músico Rosivaldo Cordeiro. A criação aproveita alguns trechos musicais previamente compostos por uma gama de compositores populares, flertando com diversos ritmos. Desde o início do filme, e pontuando-o em certos momentos, ouve-se também uma composição orquestral erudita de Nivaldo Santiago, músico amazonense que preparou essa curta composição especialmente para o filme.

Especificando o contexto da pesquisa para a revisão do filme em que colaboramos, a proposta estabelecida pelo Projeto Silvino Santos foi não intervir nas matrizes analógicas existentes. Mas promover um estudo de todo o acervo relativo a Silvino Santos depositado na Cinemateca Brasileira, para que se conhecesse o potencial de lançamentos em DVDs que esse acervo apresentaria, sabendo-se previamente dos trabalhos de restauro e das boas condições de *No paiz das Amazonas*. Para o estudo, as condições que o projeto e a Cinemateca Brasileira puderam oferecer à pesquisa foi a disponibilização de cópias digitalizadas a partir das matrizes. Assim foi que um total de 12 DVDs nos foi dado para investigação. A contrapartida institucional por parte do projeto para com a Cinemateca Brasileira foi a elaboração de uma decupagem,

³⁶ No canal *Cinemateca popular brasileira: filmografias & cronologias*. O endereço é <<https://www.youtube.com/watch?v=DNc6-dMRqq4&t=3398s>> [Acesso: 19 de outubro de 2017]. Há duas outras postagens no mesmo site. Uma cortada quase pela metade e outra com a imagem distorcida; razões pelas quais não vale a pena indicá-las aqui.

descrevendo todos os trechos visionados nestes discos, documento este entregue conforme solicitado.³⁷

Questões defrontadas

Com a estrutura do projeto apresentada, esclarecemos que as decisões a respeito das questões no processo de revisão da cópia digital encontrada no DVD foram tomadas tendo em vista os dados da pesquisa, caso a caso sendo discutido em comum acordo entre o presidente do Concultura, que acompanhou de perto os trabalhos, o coordenador geral e o pesquisador. Apresentarei, em seis pontos, as principais questões defrontadas:

1 – A versão depositada na Cinemateca Brasileira é resultante de iniciativas anteriores de restauro (esmiuçadas anteriormente nesse artigo), procedimento que ordenou bobinas que foram localizadas em desordem, separadamente, materiais de origens distintas, mas um trabalho que buscou embasar-se em indícios e documentação. No entanto nos trabalhos de 1980, naquele momento e ainda hoje padece-se pela falta de um roteiro rigoroso de época, ou documento que o valha, para certificação. Dai resultava a ordenação das sequências que nos deparamos e a aparente inclusão de pelo menos dois materiais estranhamente externos (as sequências indígenas com cartelas iniciais do Instituto Nacional de Cinema Educativo – INCE). Portanto não estávamos diante de uma montagem originalmente proposta pelos produtores;

2 – As duas sequências indígenas, relativas aos parintintin e a índios de etnias do Peru, estavam montadas, uma após a outra, localizadas no início na última parte do filme, quando se trata da região do Vale do Rio Branco. E esses dois trechos ainda

³⁷ Para este documento, demos o nome de *Decupagem do acervo Silvino Santos telecinado - Cinemateca Brasileira*. Ele possui 13 laudas e foi oferecido ao acervo documental da Cinemateca Brasileira, assim como consta nos arquivos do Concultura e em nosso particular. Uma nota contextual do documento informa os seguintes dados: “Trabalho realizado entre abril/maio/junho de 2014, no âmbito do projeto de lançamento do DVD *No Paíz das Amazonas*, proposto pelo Conselho Municipal de Cultura de Manaus, presidido por Márcio Souza, com produção e coordenação de Felipe Lindoso. A pesquisa é de Sávio Stoco”.

traziam as cartelas de identificação do INCE, instituição que os lançou como curtas-metragens na década de 1930, individualmente, garantindo que essas imagens não se perdessem. A etnia parintintin, como sabe-se historicamente, por volta da década de 1920, localizava-se sobretudo na região do rio Madeira. Além disso, para determinar sua localização fílmica, tomamos como referência a montagem visualizada em *Filmogramas n. 7*, em que vemos a mesma sequência após a cena da caça aos patos em um lago na região do rio Madeira. Enquanto a sequência dos índios peruanos permaneceu no local onde a encontramos na versão restaurada, pois existe uma intertítulo anterior ao seu início que a introduz, justificando as “digressões espirituais no Putumayo”, como lê-se;



Fotografia da cena das índias peruanas, incluída no restauro de 1986 de *No paiz das Amazonas* e também na versão de 2015, porém reposicionada. Fonte: Acervo Silvino Santos, Museu Amazônico.

3 – Hoje podemos afirmar que a própria concepção de *No Paiz das Amazonas* é marcada por reutilização de imagens anteriormente produzidas por Silvino Santos.

Particularmente reutilização de sobras do filme extraviado na Europa, *Amazonas, maior rio do mundo* (1918-1920).³⁸ Também por conta disso, fica complexo determinar o que seria “original” de *No paiz das Amazonas* e o que não seria original. Identificamos, por exemplo, que integrava esse filme a sequência *As pescas*, as duas sequências indígenas. As cenas da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e do salto de Teotônio foram filmadas em 1919, provavelmente também para *Amazonas*. As descrições publicadas na imprensa ao longo da sua estreia no Brasil e reprises também não lançam luzes suficientes, tampouco os três opúsculos publicados pela firma J. G. Araújo, produzidos entre 1922 e 1923;

4 – Não apenas isso, mas *No paiz das Amazonas*, ao longo da sua trajetória documentada de circulação no Brasil, passou por diversas inclusões, empreendidas pelo próprio cineasta, sob demanda dos financiadores. Determinar rigorosamente o que fez parte da primeira versão do filme, pensamos ser impossível, já que os dados não são precisos. Após o lançamento do DVD, a equipe do Projeto Silvino Santos acolheu uma crítica por conta da manutenção de uma cena em que, ao final da sequência que exhibe a capital Manaus, vemos um grupo de crianças, ladeado por uma babá, passeando no Tarumã. Trata-se de parentes do clã Araújo e que, pela data de nascimento de alguns deles, essa cena tenha sido filmada após 1922. Essa imagem familiar retiraria a dinâmica mais agitada que é vista no retrato da cidade, com carros e embarcações em movimento – segundo o comentário do crítico. Mas, se fôssemos nos pautar por esse procedimento de eliminação, também a dinâmica cena

³⁸ Trata-se de um filme que não foi lançado no Brasil sob a chancela do cineasta e da produtora na época, a Amazônia Cine Film, por conta do extravio. Até o momento averiguamos sua circulação intensa somente em países europeus ao longo da década de 1920, pelas mãos do professor Propércio de Mello Saraiva e provavelmente reeditado. A esse respeito, ver o resumo expandido de um estudo prévio de nossa autoria, apresentado em 2016. STOCO, Sávio. “O primeiro longa-metragem de Silvino Santos e os documentos inéditos que indicam ampla circulação na Europa”. In: *I Colóquio Internacional Cinema e História*, 2016, São Paulo. *Caderno de resumos*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, USP, 2016. Disponível em: <http://historiaaudiovisual.weebly.com/uploads/1/7/7/4/17746215/caderno_de_resumos_colo%CC%81quio.pdf> [Acesso: 20 de janeiro de 2017].

dos esportes aquáticos nos igarapés teria que ser eliminada, pois há uma ponte de alvenaria (cujo nome é o mesmo do governador que a inaugurou, Efigênio Salles) em que uma rápida lancha atravessa a construção que só foi inaugurada em 1929. Optou-se por deixar integrados trechos que já fizeram parte do filme, respeitando também a restauração feita na década de 1980;

5 – Não dispúnhamos de um memorial sistematizado de como a iniciativa de restauração procedeu na década de 1980. E também os responsáveis mais diretamente ligados, Selda Vale da Costa e o pesquisador Carlos Roberto de Souza, antigo funcionário da Cinemateca Brasileira, não puderam naquele momento integrar a equipe do Projeto Silvino Santos e nem fornecer dados pormenorizados a respeito do que se passou. Cosme Alves Netto e Narciso Lobo haviam morrido em 1996 e 2009, respectivamente. É possível ver pelas fichas disponíveis na Cinemateca Brasileira que Narciso colaborou com uma parte descritiva dos filmes reunidos inicialmente, além de ter engajado-se na imprensa amazonense em prol do projeto de restauro, como vimos. E também as funcionárias da Cinemateca Brasileira que nos atenderam, Fernanda Coelho, Kátia Dolin Lopes e Vivian de Luccia não vivenciaram o restauro dos anos 1980, não tendo dados sobre detalhamentos do processo;

6 – A pesquisa que empreendemos, além do material fílmico fornecido pela Cinemateca Brasileira, considerou o estudo de versões de baixa resolução de *No Paiz das Amazonas* que circulavam informalmente em DVDs por Manaus (muitas vezes aparentemente copiados de fitas VHS), comercializados em sebos e bancas. O cotejo dessas cópias com a cópia “oficial”, tirada da matriz depositada na CB, revelou que certas partes eram vistas apenas nos DVDs informais. Tivemos dois casos a solucionar, com encaminhamentos distintos. O primeiro foi a respeito de uma sequência de onze minutos dedicada à exibição da Fábrica Brasil Hévea e do Parque Vila Rosas, que foi deslocado para os extras, considerando sua grande quantidade de ruídos na imagem e sua baixa resolução, além de nosso total desconhecimento do paradeiro da sua fonte analógica (possivelmente perdido). No segundo caso, referente apenas ao plano em que vemos o intertítulo gráfico “Fim”, este pôde ser

incorporado à versão publicada no DVD, já que sua qualidade de imagem estava melhor e não acarretaria maiores danos à percepção da qualidade do filme.



Cartela final de *No Paiz das Amazonas*, localizada apenas em versão digital do filme. Fonte: Frame.

Conclusão

Concluimos apontando outras duas iniciativas recentes de restauro de filmes de Silvino Santos, levadas a cabo nos últimos anos. Uma finalizada em dezembro de 2014, integrante de nossa pesquisa de mestrado, na qual empreendemos uma pesquisa material e histórica de *No rastro do Eldorado*, com localização e inclusão dos intertítulos de época (conforme descrito na nota 33). Um trabalho que tivemos a oportunidade de expor os resultados ao excursionar pelas sete capitais do Norte do Brasil apresentando a versão preliminar do filme e também apresentando/debatendo a análise elaborada. E a outra, mais recentemente, em 2017, quando o cineasta

Roberto Kahane digitalizou *O golpe tenentista de Ribeiro Júnior* (1924, 11'). Um filme considerado desaparecido, a não ser por alguns registros fotográficos depositados no Museu Amazônico da Ufam, em Manaus. Esse projeto foi financiado por um prêmio do edital Conexões Culturais da Fundação Municipal de Cultura, Turismo e Eventos (Manauscult). O filme está publicado no *YouTube*.³⁹

Acredito ainda que *Amazonas, maior rio do mundo* e *Terra Encantada* (1923), esse sobre o Rio de Janeiro, mereçam futuros empenhos de restauração. Novos materiais e informações a respeito desses dois filmes instigam trabalhos de pesquisa que reúnam e organizem os materiais remanescentes, mesmo que não sejam suficientes de darem conta das narrativas em sua integralidade.

Referências bibliográficas

- COSTA, Selda Vale da. *Eldorado das ilusões: cinema & sociedade: Manaus (1897-1935)*. Manaus: Edua, 1996.
- COSTA, Selda e Narciso Lobo. *No rastro de Silvino Santos*. Manaus: SCA, Edições Governo do Estado, 1987.
- GALVÃO, Maria Rita. *Memorial da formação acadêmica e das atividades docentes e de pesquisa apresentado para Concurso de Livre-Docência*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1991.
- LOBO, Narciso. *A tônica da descontinuidade: cinema e política em Manaus nos anos 60*. Manaus: Edua, 1994.
- MELO, Luis Rocha. "Historiografia audiovisual: a história do cinema escrita pelos filmes", *ARS* (São Paulo), vol. 14, 2016, pp. 221-245.
- MORETTIN, Eduardo. "Tradição e modernidade nos documentários de Silvino Santos". In: Paiva, Samuel e Sheila Schvarzman. (orgs.). *Viagem ao cinema*

³⁹ O endereço do filme é <<https://www.youtube.com/watch?v=TbAu-5MjO44>> [Acesso: 20 de janeiro de 2017].

- silencioso do Brasil*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011, pp. [indicar as páginas correspondentes].
- RAMOS, Fernão e Luis Felipe Miranda (orgs.). *Enciclopédia do Cinema Brasileiro*. São Paulo: Editora do SENAC; Edições SESC SP, 2012.
- SOUZA, Carlos Roberto Rodrigues de. *A Cinemateca Brasileira e a preservação de filmes no Brasil*. Tese (doutorado). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2009.
- SANTOS, Silvino. *Romance da minha vida*. Manuscrito (Museu Amazônico, Manaus), 1969.
- SOUZA, Márcio. *A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo*. Manaus: Valer, 2010.
- _____. *Silvino Santos: o cineasta do ciclo da borracha*. Manaus: Edua/Valer, 2007.
- STOCO, Sávio. O primeiro longa-metragem de Silvino Santos e os documentos inéditos que indicam ampla circulação na Europa. In: *I Colóquio Internacional Cinema e História - Caderno de resumos*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, USP, 2016. Disponível em:
<http://historiaaudiovisual.weebly.com/uploads/1/7/7/4/17746215/caderno_de_resumos_coloquio.pdf> [Acesso: 20 de janeiro de 2017].

Ficha técnica

No paiz das Amazonas

Ano: 1922

País: Brasil

Diretor: Silvino Santos

Produtor: Firma J. G. Araújo

Intertítulos: Agesilau de Araújo

Fotografia: Silvino Santos

Arquivo: Cinemateca Brasileira

Observação: o filme foi conservado parcialmente em alguns acervos, mas suas partes foram reunidas e restauradas na década de 1980, encontrando-se aparentemente completo atualmente.

Fecha de recepción: 4 de agosto de 2017

Fecha de aceptación: 16 de diciembre de 2017

Para citar este artículo:

STOCO, Sávio Luis. “No paiz das Amazonas (Silvino Santos, 1922). Percurso de um marco do filme natural brasileiro até o mercado doméstico”. *Vivomatografias. Revista de estudios sobre precine y cine silente en Latinoamérica*, n. 3, diciembre de 2017, pp. 161-184. Disponible en: <<http://www.vivomatografias.com/index.php/vmfs/article/view/117>> [Acceso dd.mm.aaaa].

* **Sávio Luis Stoco** é doutorando em Meios e Processos Audiovisuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), com o projeto sobre os longas-metragens amazônicos de Silvino Santos e sua relação com a cultura visual e a tradição discursiva sobre a região, sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Morettin e auxílio da Fapeam. Mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade de São Paulo (IA-UNICAMP) com pesquisa sobre No rastro do Eldorado (1924-25), de Silvino Santos. Coordenou pesquisa para lançamento do DVD No Paiz das Amazonas, do mesmo cineasta (Concultura/Cinemateca Brasileira/Versátil Homevideo). E-mail: saviostoco@gmail.com